

09 set. a 20 nov.

inauguração



grades exteriores

4.ª feira às 16h

EXPOSIÇÃO

o corpo como fronteira

de Ildefonso Colaço

curadoria: Inês Dias

A fotografia de Ildefonso Colaço faz dos bairros periféricos de Maputo o centro da cidade. É aí que as novas gerações se sonham e sonham o seu lugar. Aos domingos os bairros animam, enquanto o silêncio invade a xilunguine. Na segunda-feira, volta a labuta, sempre a txovar, e todos buscam o pão nosso de cada dia ou o pão nosso de cada noite.

Ildefonso Colaço tem vindo a retratar as realidades das zonas peri-urbanas de Maputo. Ao recolher com a sua câmara pequenos fragmentos da vida quotidiana, o fotógrafo vai construindo um arquivo da vida desses bairros, partindo da tradição do fotojornalismo moçambicano. Mas Colaço vai além de retratar a realidade: a sua fotografia conceptual propõe novas formas de se ser e estar nos bairros periféricos de Maputo. Um tema central do seu trabalho é a moda, e a forma como os jovens se inventam através das roupas de fardos. Aqueles pedaços de pano amarrotado que se transfiguram nos corpos fotografados, inventando subjectividades e inscrevendo a sua imagem no tecido urbano de Maputo. Estas imagens enfatizam o lado performativo da cultura moçambicana, provocando quem passa a se repensar nesta paisagem urbana. Os mercados cheios de vida que nos vendem as calamidades com que inventamos a última moda, e saímos txunados a alegrar as ruas da cidade e os becos dos bairros.

Da rua do Bagamoyo a terras Makonde, o que é que estas máscaras escondem e revelam dos países que somos e sonhamos? Os cintos que nos amarram, as paredes que nos dão abrigo ou nos aprisionam. As máscaras que escondem os nossos sonhos, os nossos medos, os nossos mistérios. O Mapiko ocupa um lugar central não só em terras Makonde como em todo o país. Os rituais de iniciação trazem as crianças ao mundo dos adultos e ensinam-nas a olhar a morte de frente. Foi em terras Makonde que começou a nossa luta de libertação, e a luta continua. As máscaras do Mapiko têm um papel central na preservação da nossa memória cultural. Mas a memória é tão feita de passado como de presente e de futuro. Ildefonso Colaço retrata uma nova geração moçambicana que agarra o destino nas suas mãos e decide contruir as suas próprias identidades com as memórias do passado, mas sem as suas amarras. Uma das funções do Mapiko é restaurar o equilíbrio entre o masculino e o feminino. Colaço mostra que esse equilíbrio pode seguir outros caminhos, outras subjectividades, sempre à procura da liberdade, que no passado se sonhou em Mueda, mas que hoje pode ser sonhada de inúmeras outras maneiras. Esta série inaugura uma nova fase no trabalho de Ildefonso Colaço que dialoga com as tradições e os rituais moçambicanos. Estas máscaras somos todos nós, os nossos espíritos e os nossos sonhos, as nossas lutas, as nossas vitórias e as nossas derrotas. E os que vieram antes de nós.

Inês Dias



bestas sem nação

2026

fotografia

120 x 170cm



bestas sem nação II

2026

fotografia

120 x 170cm



bestas sem nação III

2026

fotografia

120 x 170cm



cabrito come onde está amarrado

2026

fotografia

120 x 170cm



cabrito come onde está amarrado II

2026

fotografia

120 x 170cm



cabrito come onde está amarrado III

2026

fotografia

120 x 170cm



calamidade

2026

fotografia

120 x 170cm



calamidade II

2026

fotografia

120 x 170cm



calamidade III

2026

fotografia

120 x 170cm



corpo como fronteira

2026

fotografia

120 x 170cm



corpo como fronteira II

2026

fotografia

120 x 170cm



marhumbini

2026

fotografia

120 x 170cm



marhumbini II

2026

fotografia

120 x 170cm



xipamanine

2026

fotografia

120 x 170cm



xipamanine II

2026

fotografia

120 x 170cm



Ildefonso Colaço

Ficha Técnica

personagens:

Arcénio Boane,
Nikol Guilherme Mabunda,
António Sitoi, Mateus Nhamuche
e Fernando Dinis

produção

CCFM, Phayra Baloi
e Ildefonso Colaço

textos

Inês Dias

design e comunicação

Matéria-Prima e Vanessa Simbine

impressão

Nottorios

montagem

Phayra Baloi, Nottorios e
Leonardo Banze

agradecimentos

Jaime Lima

nascido em Maputo, nos finais da década de 90, é fotógrafo e artista visual moçambicano. Iniciou o seu percurso na fotografia em 2015, explorando inicialmente as paisagens urbanas de Maputo. Desde então, a sua prática evoluiu para uma investigação centrada na identidade, no quotidiano, no corpo e no espaço, através da fotografia documental, do retrato conceptual e de narrativas simbólicas, sempre a partir de uma perspectiva local.

Ao longo do seu percurso, apresentou o seu trabalho em exposições individuais e colectivas em Moçambique, Portugal e Japão, incluindo Maputopias, Corpo[R]Ação, Restos do Tempo, Poemário Índico e Muungano [1975–2025]. Em 2021, participou no festival de fotografia Kyotographie, no Japão, em colaboração com Silasse Salomone, e foi distinguido com o 3.º lugar no concurso Kathla.

O seu trabalho parte da experiência quotidiana para construir imagens que refletem sobre as formas como pessoas, corpos e cidades se relacionam, revelando diferentes camadas da realidade moçambicana contemporânea.